



Segunda intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante sessão em homenagem ao ex-presidente da Argentina Néstor Kirchner e sessão plenária da XX Cúpula Ibero-Americana

Mar Del Plata-Argentina, 04 de dezembro de 2010

Eu vou me retirar e queria apenas dizer para os companheiros que eu não sou a melhor pessoa para me despedir, mas eu construí com vocês uma coisa nova, um cheiro de coisa nova, uma coisa de autoestima na América Latina. Nós já não somos tratados como se fôssemos menores; nós já não vemos mais as pessoas brincarem porque um trabalhador sem diploma universitário foi eleito presidente do Brasil; já não vemos mais brigarem porque um índio foi eleito na Bolívia; nós estamos mostrando que é possível as mulheres ocuparem um espaço extraordinário no mundo da política – e copiando o companheiro Kirchner e o povo da Argentina, que elegeu uma mulher, nós acabamos de eleger, no Brasil, uma mulher presidenta da República, uma mulher que foi militante de esquerda, que foi acusada de guerrilheira, na campanha, que ficou presa três anos e meio, que foi torturada. E o que me dá orgulho é saber que agora o torturador dela, se estiver vivo, está sofrendo mais do que ela, sem que ela tenha feito nada para ele sofrer, apenas o remorso de quem torturou uma jovem que queria democracia no Brasil.

Nós mudamos. É olhar do México à Argentina, nós percebemos que houve mudanças extraordinárias. E eu acho que a democracia está consolidada. Nós precisamos ficar alertas para não permitir que aconteça o que se tentou fazer no Equador, você mesmo foi vítima, durante um tempo, de uma campanha alucinante para difamar uma mulher no governo. Em 2005, eu fui vítima da mais sórdida campanha, que tinha como objetivo enfraquecer o governo para provar que um trabalhador não poderia governar.



Nós vimos o que aconteceu com o companheiro Chávez, nós vimos o que aconteceu com o Evo Morales, tantas vezes, na Bolívia. Vemos o que, muitas vezes, acontece com o companheiro Lugo, no Paraguai, e nós estamos aprendendo a construir esse mundo extraordinário que se transformará numa grande nação.

Acho que o exemplo que o Kirchner deixa para nós é que o corpo se vai, mas as ideias não. As ideias estão aí a adentrar a cabeça dos estudantes, dos trabalhadores, das mulheres e dos companheiros presidentes. Eu aprendi nesses oito anos... Eu fui oposição durante 30 anos, e a vantagem de ser oposição durante 30 anos, de perder três eleições – como eu perdi – é que, quando a gente chega ao poder, a gente chega mais preparado, mais humano, mais qualificado para enfrentar o debate político.

E tem uma coisa, Cristina, que... eu nem quis me inscrever para falar, mas eu e o meu vice, o meu vice-presidente é um empresário muito rico, mas uma figura humana estupenda, que está com câncer, está em uma fase muito difícil. É a primeira vez na história do Brasil que o Brasil tem um presidente que não tem diploma universitário e um vice que não tem diploma universitário. Na sociologia, era difícil compreender que pudesse dar certo.

Agora veja, ao terminar o governo, eu serei o presidente que mais fez universidades na história do Brasil, de 500 anos. São 14 universidades federais novas, são 126 campi novos. Em 100 anos, o Brasil fez 140 escolas técnicas; em 8 anos, eu fiz 214 escolas técnicas. O orçamento era de 20 bilhões, nos elevamos para 70 bilhões o orçamento e elevamos para 40 bilhões o orçamento da ciência e tecnologia. E é isso que vai mudar o país, é isso que está dando um trabalho de crescimento. Eu tenho consciência de que, se o Brasil crescer, a Argentina cresce, o Equador, a Colômbia cresce ... Porque nós, e aqui é um apelo que eu faço para vocês, com a minha experiência: a gente pode manter relações com o mundo inteiro, é importante diversificar, mas acho que é necessário que cada país da América do Sul, cada país latino-



americano faça um esforço incomensurável para explorar a totalidade do potencial que existe entre nós.

Quando eu cheguei ao governo, e Kirchner chegou à Argentina, a balança comercial entre Argentina e Brasil era apenas de US\$ 7 bilhões. Hoje estamos chegando a quase US\$ 35 bilhões. E hoje nós temos consciência do quanto a Argentina é importante para o Brasil, e a Argentina tem consciência de quanto o Brasil é importante para a Argentina. Isso vale para o Uruguai, para o Paraguai, para o Equador, para o Peru, para a Colômbia, para a Venezuela, para a Costa Rica... Nós estamos muito próximos, nos temos muita identidade e, muitas vezes, nós nos tratamos como se fôssemos desconhecidos.

Eu quero dizer a vocês que agradeço a Deus por ter participado dessa geração de políticos, e eu vou repetir porque o Alan García está aqui. Eu disse ao Chávez, viu, Alan? Eu disse ao Chávez, nesses dias, que, quando você estava no Brasil, na última visita, que estávamos falando de Uribe, de Colômbia e de Venezuela, você disse: “Lula, preste atenção: Santos e Chávez vão se entender muito mais do que o Uribe e o Chávez”. E eles estão se entendendo tão bem que eu e a Cristina já estamos ficando com ciúmes dessa relação entre Santos e Chávez.

De forma que eu quero agradecer a cada um de vocês, companheiros e companheiras, do fundo do coração. Eu só levo de vocês boa recordação, boa recordação. Eu aprendi muito e acho que o Brasil continuará nessas mesas. Os homens que se cuidem, porque as mulheres estão ocupando cada vez mais espaço. Logo, logo os homens serão minoria aqui nessa mesa. Eu quero, do fundo do coração: Muito abrigado. Eu sou um político latino-americano; não vou deixar a política; vou ter mais tempo para viajar. Quero discutir política, quero discutir partido político. Então, esperem, que eu continuarei andando pela América Latina.

Um grande abraço. Obrigado, Portugal, companheiro Sócrates.



Obrigado, Majestade e obrigado, querida Cristina.

(\$211B)